



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Silva, Francynete Melo e  
Uma Análise Behaviorista Radical dos Sonhos  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 435-449  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813312>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **Uma Análise Behaviorista Radical dos Sonhos**

*Francynete Melo e Silva*<sup>1 2 3 4</sup>

*Universidade Federal do Pará*

---

### **Resumo**

Embora não haja um consenso acerca de questões sobre o que são os sonhos, porque sonhamos, etc., a maioria das naturezas dos sonhos concorda que ela está relacionada a condições internas do organismo. Contrariando a radical analisa os sonhos como comportamentos privados, sendo produtos das histórias filogenética, cultural e individual. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar os sonhos a partir da perspectiva behaviorista radical, considerando-os como comportamentos perceptuais encobertos, argumentando-se que são aprendidos. Afirma-se que a interpretação é impossível se não se conhecem as contingências de reforço com as quais a pessoa está interagindo.

*Palavras-chave:* Sonho; behaviorismo radical; comportamento perceptual; condicionamento.

**A Radical Behaviorist Analysis of the Dreams**

---

### **Abstract**

In spite of the fact that there is no consensus concerning questions about the nature and origin of dreams, most studies on the nature of the dreams agrees that they are related to internal conditions of the organism. According to this notion, the radical behaviorism analyses the dreams as private behaviors and, thus, as products of phylogenetic, cultural and individual histories. In this sense, this paper aims to analyze the dreams from a radical behaviorism perspective, considering them as private events, perceptual behaviors, and arguing that they are learned processes. It is argued that the interpretation is impossible if the contingencies that control such activity are unknown.

*Keywords:* Dream; radical behaviorism; perceptual behavior; conditioning.

---

Os sonhos têm sido objeto de inúmeras reflexões e interesse geral, desde filósofos a leigos, tanto quanto à sua natureza como também quanto aos seus significados. Embora não haja um consenso acerca de questões como o que são os sonhos, porque sonhamos, qual a utilidade dos sonhos, entre outras, a maioria dos estudos sobre a natureza dos sonhos ou seus mecanismos subjacentes concorda que eles estão relacionados com condições internas do organismo, sendo vistos como uma atividade psíquica ou mental, ou ainda, neurofisiológica. A começar pelos egípcios, os sonhos eram considerados como parte de um mundo sobrenatural, sendo interpretados como mensagens divinas, tendo este povo, inclusive escrito um

interpretados como sinais divinos. Na prática da medicina. Apenas a interpretação dos sonhos foi mencionada por Heráclito de que os sonhos eram resultado do sonhador. Segundo a mitologia grega, os sonhos eram obra de Morfeu (deus dos sonhos - deus do sono, que, por sua vez, era deusa da noite). Aristóteles acreditava que interpretar os sonhos de maneira lógica os sonhos ditos proféticos eram, de fato, uma recolheção adicionalmente, acreditava que os sonhos eram resultado do corpo da pessoa. Uma dife-

pensadores modernos sobre os sonhos, tem-se a teoria psicanalítica de Freud como uma das mais conhecidas. Para ele, o sonho seria o cumprimento disfarçado de um desejo reprimido, em geral sexual ou hostil. Para que tal desejo se cumprisse nos sonhos, Freud considerava que a mente se valia de diferentes mecanismos para disfarçá-lo (Schulze, 1997).

Hoje, acredita-se que os sonhos fazem parte do ciclo normal do sono, tendo em vista as inúmeras pesquisas realizadas sobre o período de sono REM – *Rapid Eyes Movement* - já que esta fase tem relação com os sonhos. De forma geral, embora ainda hoje não se tenha uma teoria completamente aceitável sobre os sonhos, a proposta de Freud parece ser a mais conhecida e aceita, inclusive por leigos, a despeito dos achados neurofisiológicos. Ainda assim, existem outras formas de se entender os sonhos. Uma delas seria entendê-los como fazendo parte da subjetividade humana, porém sem remetê-los à interioridade do organismo. Esta é a perspectiva do Behaviorismo Radical de Skinner. Este artigo pretende apresentar a maneira pela qual os sonhos são entendidos dentro da análise skinneriana a respeito da subjetividade, fornecendo um embasamento teórico a fim de colaborar para uma melhor compreensão do assunto. Para tanto, descreve-se, de forma sucinta, como os sonhos têm sido tradicionalmente tratados, bem como se expõe a análise behaviorista radical sobre os eventos privados o que fornecerá subsídios teóricos para a discussão sobre os sonhos.

#### **Etimologia, Conceito e Função dos Sonhos**

A palavra sonho vem do Latim *sommium* (sonho, ilusão, sonhar com), embora, em Espanhol, a palavra *sueño* derive tanto do Latim *sommium*, quanto de *sonnus* (sono, ociosidade). Para distinguir os dois vocabulários, adotou-se a palavra *ensueño* (sonho), a qual deriva do Latim *insomnium* (sonho, visão em sonhos), que, por sua vez, deriva do Grego *enýpnium* (sonho, visão, aparição em sonhos). Nós, portanto, quando falamos de sonhos, falamos de sonhos.

Segundo o *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (1986), sonhos são uma “seqüência de feitiços, imagens, representações, atos, ideias, involuntariamente, ocorrem durante o sono, de pensamentos de idéias vagas, inacabadas, agradáveis, mais ou menos incoerentes, que se entrega em estado de vigília, geralmente à realidade” (p. 1611; grifos nossos).

Em dicionários técnicos, como no *Dicionário Psicanalise* (Rycroft, 1975), os sonhos são definidos como “atividade mental [grifo nosso] que ocorre, conceito igualmente encontrado no *Dicionário de Psicologia* (Straton & Hayes, 1994, p. 217). Um pouco mais detalhado é o conceito encontrado na *Encyclopédia Medicine* (1992), onde os sonhos são considerados “processo interno que corresponde ao sono, paroxysmais do sono (...) o sonho é equivalente ao sonho psicológico, ao chamado sono rápido, que ocorre concomitantemente com os movimentos oculares rápidos durante o sono...” (p. 10588).

Pode-se observar que o conceito de sonho é difícil de apontar, atualmente, por um lado, para ativar os processos inconscientes - impregnado das idéias e das crenças, por exemplo, para Hess (1993), os sonhos são “o resultado da oportunidade de acesso mais direto à psique da mente, ou seja, como uma chance de expressão do paciente que ele de fato tem uma mente” (p. 72) - e, por outro, para os achados neurológicos, como o sono REM, os quais serão descritos na seção sobre a filogenese dos sonhos.

A função dos sonhos também tem sido tema de controvérsia. Crick e Mitchison (1983) e Cardoso (1997), por exemplo, entendem que os sonhos são uma espécie de descarga emocional ou de estresse, funcionando como meio para que o cérebro liberte o excesso de aprendizagens, fazendo com que o cérebro apenas aquelas aprendizagens que trazem benefício do próprio organismo. Por sua vez, Roffwarg et al. (1966)

Assim também ocorreria nos sonhos, onde o indivíduo poderia vivenciar seus traumas, fazendo conexões com outras partes da vida de um modo também seguro, pois “no sonho - especialmente no sono REM - o espaço seguro é proporcionado pela inibição muscular muito bem estabelecida, o que evita atividade ou ação...” (Hartmann, 1996, p.13). Por outro lado, Winson (1990, citado por Cardoso, 1997) acredita que os sonhos têm uma função de origem filogenética, importante para a nossa sobrevivência, já que a supressão dos movimentos durante os períodos de sono REM permitiria que o organismo pudesse reprocessar as informações obtidas durante a vigília.

Para Freud (1900, citado por Garcia-Roza, 1993), os sonhos funcionam para que a pessoa possa, disfarçadamente, realizar seus desejos para benefício da sua própria saúde mental. Outra função dos sonhos, para Freud (1900, citado por Lindzey, Hall & Thompson, 1977), seria a de evitar que as pessoas acordassem. Jung (1968, citado por Lindzey e cols., 1977) acreditava que os sonhos serviriam para nos alertar de nossas próprias necessidades, as quais, caso surgissem em sonhos, estariam sendo negligenciadas. Os sonhos, para Jung, seriam mensagens do próprio sonhador, para as quais ele deveria atentar a fim de buscar a satisfação para que pudesse alcançar o desenvolvimento integral de sua personalidade.

Percebe-se, assim, que a função dos sonhos não é clara e depende muito da perspectiva sobre a qual é vista: inicialmente, serviam para fazer curas, adivinhações, eram mensagens divinas; atualmente, em geral, pensa-se nos sonhos como reflexões da realidade; como parte normal dos ciclos do sono ou evidências de um mundo inconsciente.

### **Eventos Privados**

Na análise behaviorista radical, considera-se que os sonhos são apenas comportamentos, mais especificamente, comportamentos privados. Enquanto

“O comportamento se torna privado quando, em seu primeiro lugar, sua força cai abaixo de um nível normal; uma emissão aberta, tal emissão que é controlada por variáveis de controle são deficientes ou ausentes, ou como se vê pelo fato de que, quando a emissão é aberta, pode surgir em nível aberto, ou seja, quando simplesmente a mais fácil opção é realizada na sua própria no momento.” (p.518).

Em relação aos estímulos privados, Garcia-Roza (1993) afirma: “o que é sentido ou percebido pelo observador não é nenhum mundo exterior, mas é a mente ou da vida mental, que é o mundo do observador...” (p.19). Outros autores argumentam que internamente são estímulos privados que são interoceptivo e proprioceptivos. Estímulos privados seriam, então, considerados estímulos privados genética e ambiental e seriam, na maioria das vezes, alterações fisiológicas; os estímulos privados são os sentidos dessa maneira devem ser interpretados fisiológico atual, o qual se desenvolveu ao longo de milhares de anos. Uma vez que os estímulos privados são sentidos, é possível em se afirmar sentimentos e emoções. A descrição mais detalhada acerca de estímulos privados é feita por García-Roza (1993).

Enquanto condições corporais e emocionais seriam objeto de estudo da psicofisiologia, os estímulos privados seriam parte de um fenômeno psicológico que só é analisados quando entram em contato com os comportamentos. Ressalta-se que a análise behaviorista radical, a explicação de comportamentos privados deve ser sempre encontrada no contexto do indivíduo: “agredimos e sermos agredidos, e a mesma razão de agredirmos e sermos agredidos [os estímulos privados] não possuem significado” (Skinner, 1974/1993, p. 71). Isto é, os estímulos privados nunca é a causa direta de um comportamento. Os estímulos privados são sempre mediadores entre o ambiente e o comportamento.

da psicologia, como apontado por Skinner (1945): “o único problema que uma ciência do comportamento pode resolver em conexão com o subjetivismo é no campo verbal...” (p. 294). Através de acompanhamentos públicos (como pancadas, lesões, gemidos) que se correlacionam com as estimulações proprioceptivas e interoceptivas, a comunidade verbal ensina os indivíduos a tatearem seus estímulos privados. Assim, é a comunidade que dá nome ao que estamos sentindo, ou melhor, nos ensina a reagir discriminativamente às condições corporais sentidas em certas circunstâncias. O que ocorre após essa aprendizagem é que o indivíduo pode ficar sob controle apenas desses estímulos privados e pode passar a se comportar discriminativamente com relação aos mesmos. Skinner (1945) afirma que o estímulo privado

“Pode assumir praticamente controle total (...) uma resposta pode ser emitida na presença de um estímulo privado, o qual não tem acompanhamentos públicos, contanto que ela seja, ocasionalmente, reforçada na presença do mesmo estímulo que ocorre durante manifestações públicas.” (p. 274)

Isso significa dizer que a comunidade verbal não apenas instala um repertório autodescritivo de eventos privados, mas também continua a reforçá-lo a fim de garantir sua manutenção, a qual, entretanto, é fundamentada em acompanhamentos públicos. Isso ocorre, por exemplo, quando uma criança está muito quieta, com os olhos fechados e afirma estar com dor de cabeça. Como consequência do relato do estímulo privado e do acompanhamento público, a mãe lhe dá um remédio que faz passar a dor ou, em outro caso, a professora a deixa ir para casa. O estímulo, posteriormente, pode controlar o comportamento da criança de pedir um remédio para dor de cabeça, mesmo sem acompanhamentos.

Enquanto comportamentos privados, os sonhos são entendidos pelos behavioristas como o comportamento de ver, porém, na ausência da coisa vista, ou seja, os sonhos são analisados como um comportamento

análise dos sonhos como um comportamento encoberto, o que fundamentará a dimensão natureza e aprendizagem do conteúdo

#### **Percepção e o Comportamento de Sonhos**

Segundo Skinner (1974/1993), a percepção é a palavra perceber refere-se a capturar o mundo. Como não seria possível a pessoa real nesses termos, de acordo com a teoria da cópia, a pessoa denomina de teoria da cópia, a pessoa “cópias mentais” do mundo, armazena memória e, assim, poderá recuperá-las quando quiser. Destarte, segundo os dualistas, adeptos da teoria da mente, haveria uma discrepância entre o mundo real e as experiências. Nesse sentido, o conteúdo das experiências é produto do mundo real, mas seria um produto mental sobre o mundo real.

Não obstante, a teoria de Skinner argumenta que:

“o objeto é o que é realmente visto. Não está no mundo, (...) mas é o que o perceptor percebe. O perceptor percebe o comportamento em termos do objeto visto. Ele tem uma possivelmente longa história de experiência com objetos semelhantes. É apenas a crença curiosa de que há algo dentro do corpo que leva os psicólogos a acreditarem que o organismo pode mudar com supostas transformações.” (p. 358)

Isso é equivalente a dizer que a percepção é vista como uma ação inicial da pessoa, e não como uma experiência. Para os behavioristas, a ação inicial é sempre um estímulo externo e, ressalta-se que “quando o estímulo é controlado pelo ambiente, o comportamento é controlado pelo ambiente”. Isso significa dizer duas coisas muito diferentes. O ambiente controla o comportamento, mantém repertórios de comportamento e serve como ocasião para que o comportamento ocorra (Skinner, 1989/1991, p. 55).

O comportamento perceptual seria controlado por estímulos discriminativos quantificáveis e reforçadores que estão presentes no ambiente.

tio contava a história de cada selo, cada qual relacionado com diferentes períodos e assim por diante até que meu interesse por selos crescesse e eu próprio começasse a estudá-los e colecioná-los. Da mesma forma, uma pessoa com conhecimento mais aprofundado de inglês pode perceber quando uma tradução está errada ou apreciar uma música em inglês devido à harmonia entre a melodia e a letra, enquanto outra pessoa, sem uma história que lhe propiciasse um maior conhecimento de inglês provavelmente não atentaria para tais estímulos.

Sobre o comportamento de ver, Skinner (1969/1980) afirma que discriminar, discernir, distinguir “são sinônimos de ver como um tipo de comportamento reforçado com respeito a um estímulo” e, mais adiante, “a expressão ‘ver algo’ refere-se a uma grande amplitude de comportamentos gerados por uma grande amplitude de contingências tendo em comum um estímulo particular” (p.360). Em 1989/1991, Skinner reforça esta questão: “ver é comportar-se, é explicável tanto pela seleção natural (...) quanto pelo condicionamento operante (...) ver é apenas parte do comportamento, significa comportar-se até o ponto da ação...” (p.29)

Assim sendo, ver é um comportamento e deve ser analisado a partir da história ambiental do indivíduo, a qual é responsável pelos estímulos que controlam o ver, seja público ou privado. Para Skinner (1969/1980) se uma pessoa não vê o mesmo que você, isso significa que ambos foram expostos a diferentes histórias de condicionamento.

É interessante citar uma observação de Skinner sobre a teoria de que ver é comportar-se a ponto de atuar. De acordo com Skinner (1989/1991),

“o que acontece até esse ponto [atuar] está fora do alcance dos instrumentos e dos métodos do analista do comportamento e precisa ser deixado a cargo do fisiologista. O que resta para o analista são as contingências de reforçamento sob as quais as coisas passam a ser vistas e as contingências verbais sob as quais são descritas.” (p.24)

Percebe-se que Skinner não trata o comportamento

outra pessoa poderia perceber. Interessa ao behaviorista é que esse interesse levaria a ver um cachorro. Pode ser que ver cães seja uma contingência que poderia ter um pai criado mantendo um contato com cães. Pode ser que poderia ficar mais receptivo a cães, entre inúmeras possibilidades de explicar a “tendência” de X em ser analista do comportamento social. As contingências funcionais entre tais contingências.

Para Tourinho (1997a),

“o que torna o comportamento de ver distinto do que mesmo em sua forma aberta é comum é que a visão não pode ser especificada. Na verdade, é a comunidade observando que a visão é comum. A comunidade ensina alguém a ver, mas não especifica que solicita que o indivíduo deve ver.”

Ou seja, o comportamento de ver é comum. No entanto, os behavioristas radicais, como Tourinho, consideram que o comportamento de ver é privado. O que faz com que a visão seja mais complexo é que o comportamento de ver pode ser controlado por estímulos que não são visíveis. Por exemplo, se um indivíduo pode ver mesmo que não está olhando para o estímulo, o comportamento de ver é controlado por estímulos que não são visíveis.

Passa-se, agora, à análise da teoria de que a visão é perceptual encoberto, ou seja, a ausência da coisa vista, o qual, no entanto, é controlado por estímulos que não são visíveis. Partindo das histórias de condicionamento operante. Note que a análise da visão é perceptual encoberto, assim como a visão é privado, sempre está relacionada a estímulos verbais, como já descrito anteriormente. Tanto uma resposta autodestruidora quanto um comportamento perceptual limitado pelas histórias de condicionamento operante.

tornando a afirmar isso na maioria de suas discussões acerca dos eventos privados, como em 1974/1993: “quando uma pessoa lembra algo que viu alguma vez ou se entrega a fantasias ou sonhos, certamente não está sob controle de um estímulo presente (...) Novamente, devemos voltar-nos para sua história ambiental à procura de uma resposta...” (Skinner, 1974/1993, pp. 72-73).

Nesse contexto, passa-se agora a analisar o papel dos condicionamentos clássico e operante no comportamento perceptual encoberto.

### A Visão Respondente

A análise skinneriana sobre a visão respondente diz que o comportamento perceptual encoberto, como o ver na ausência da coisa vista, ocorre devido aos estímulos presentes, os quais evocaram essa resposta de acordo com uma história de condicionamento, onde houve emparelhamento de estímulos. Para Skinner (1953/1989), um estímulo condicionado pode se combinar com estímulos incondicionados e seu efeito seria evocar uma visão condicionada<sup>6</sup>. Por exemplo, minha mãe tem um santana prateado; então há um emparelhamento minha mãe (estímulo condicionado de ordem superior<sup>7</sup>, que, neste caso, funciona como incondicionado) - santana prateado (estímulo condicionado). Quando estou andando na rua e vejo, em meio a um engarrafamento, um carro prateado, parecido com o santana, então eu posso até ver minha mãe, embora não seja. De acordo com Skinner (1953/1989),

“...os estímulos fragmentários [a cor do carro, uma mulher na direção] serviram para evocar a visão condicionada [santana prateado de minha mãe], que se combina com a visão incondicionada do estímulo imediato [carro] (...) Em termos gerais, a visão condicionada explica a tendência que se tem de ver o mundo de acordo com a história prévia...”. (p.257)

Skinner (1953/1989) ressalta, ainda, que a visão condicionada também pode ser evocada por um estímulo que não é usual. Nesse sentido, o estímulo presente deve ter alguma propriedade que se assemelhe com o estímulo

de longe e, ao chegarmos perto, percebermos quem estávamos pensando. Para Skinner, “o estímulo assemelha-se apenas parcialmente ao usual o sujeito poderá dizer que o estímulo é o outro...” (1953/1989, p. 259).

Um fator importante da visão condicionada é a existência de um efeito reforçador nesse tipo de resposta, o que aumentaria “a amplitude dos estímulos disponíveis no controle do comportamento” (Skinner, 1953/1989, p. 259). Pode-se, por exemplo, o sorriso da pessoa amada, se esta se encontra quando se conta uma piada aprendida juntos. O comportamento de contar piadas pode aumentar em freqüência pois está condicionado a receber o sorriso da namorada, o que é reforçador.

Torna-se oportuno citar que Skinner salienta dois efeitos do reforçamento: o reforçamento de sensação corporal relacionada com a denominação de prazer e que está ligado à satisfação. O reforçamento de prazer responde pela suscetibilidade ao reforçamento, modificando a probabilidade do comportamento aparecer no futuro. De acordo com Skinner, “nós devemos

distinguir entre os efeitos *prazer* e *reforçadores fortalecedores*. Eles ocorrem em diferentes momentos e têm sentidos como coisas diferentes. Quando somos contentes, nós não necessariamente sentimos prazer, mas sentimos maior prazer para nos comportarmos da maneira que nos satisfaz. Quando nós repetimos o comportamento que nos satisfaz por outro lado, nós não sentimos o efeito de prazer, mas sentimos naquele momento em que o reforçador é emitido. O efeito de prazer [pleasing] parece ser a palavra (...) que descreve o efeito de reforçamento, mas ela cobre apenas metade da experiência humana.

Como, em nossa cultura, há uma variedade de sentimento - o que, para Skinner (1986), é um prejuízo quanto ao efeito do reforçamento -, pode-se esperar que existam sentimentos que garantam um efeito prazeroso, mesmo que o estímulo encoberto, ocorram com maior probabilidade.

os comportamentos, Kantor (1987) afirma que lidamos com observações de eventos psicológicos. Estes eventos constituem-se de: “(a) um organismo que interage com (b) outros organismos, objetos e eventos sob (c) contextos definidos” (Kantor, 1987, p. 3). Os estímulos (pessoas, objetos, situação) adquirem uma ou mais funções de acordo com a história de interação do organismo com esses estímulos; tal história ocorre sob um determinado contexto, o qual deve ser analisado, uma vez que as respostas podem ocorrer ou não, bem como as funções dos estímulos podem diferir, de acordo com esses contextos específicos. Os intercomportamentos prévios influenciariam então nos intercomportamentos seguintes (Kantor, 1987).

Embora os estímulos possam adquirir diferentes funções, o que é relevante para o presente artigo são os estímulos com função de substitutos. De modo geral, pode-se dizer que toda “lembança” é um estímulo substituto. As palavras que usamos em uma conversa são estímulos substitutos para as coisas às quais se referem. Da mesma forma, quando alguém olha para o calendário e lembra do aniversário da avó, aquele dia X do calendário funciona como substituto, não como estímulo direto - que seria a avó ou a própria comemoração de seu aniversário. Quando há um estímulo substituto, ocorre um comportamento que Kantor (1959, citado por Hayes, 1992) denomina de implícito, o qual pode ser público ou encoberto - para Kantor, os termos seriam aparentes ou inaparentes, respectivamente. Quando o comportamento implícito está encoberto, chama-se a este comportamento de sutil.

Nota-se que a Teoria de Estímulos Substitutos de Kantor parece indicar na mesma direção que a visão condicionada de Skinner. Para Kantor (1922), quando não houver o estímulo que esteve presente no momento em que o indivíduo adquiriu aquele comportamento, explica-se este comportamento de lembrar (segundo Kantor, um comportamento sutil) de acordo com

“obscurecidos” e o que determinariam estímulos atuais que fundaquelos da história.

Fundamentando-se na teoria da privacidade, então, pode-se dizer que os comportamentos sutis, o qual é um estímulo substituto ou mesmo um organismo com o estímulo. Entretanto, aconteceria livre de interferência, o que permitiria muitas diferentes perspectivas que, na ausência de um contexto social, poderiam assumir diversificadas. Um exemplo da plasticidade humana é na ausência de um contexto social. Se você ouve um certo barulho. No entanto, se pensar que o ar condicionado foi ligado e que isso aconteceu e você já conhece como funciona como um estímulo social. O mar que você viu quando foi ao litoral, você estava acompanhado de amigos e desconhecidos. Então, a mulher pela qual você ficou mudou como resultado do barulho do mar, o passeio, a moça e o barco. Pode ver a moça na sua compa-

A Visão Operante

Sabe-se que um estímulo que houve um reforço pode exercer uma resposta. Porém, este estímulo, como no caso do estímulo operante, diferente da visão real, por um estímulo, mas fortalecido. No caso da visão operante, as bases para este comportamento são o reforço e a associação.

lo; ou, na ausência de qualquer estímulo, a pessoa pode fechar os olhos, esforçando-se para ver X.

Skinner (1974/1993) afirma, também, que o ver privado pode ocorrer caso o comportamento subsequente seja reforçado, “assim, podemos ver Venezuela com a finalidade de ensinar a um amigo como encontrar o caminho que o levará a determinada parte da cidade...” (p.74). Como essa afirmação de Skinner poderia levar algumas pessoas a considerar que o comportamento privado *ver* foi a causa do comportamento subsequente, Skinner (1974/1993) apressou-se em declarar: “uma pessoa é modificada pelas contingências de reforço em que age; ela não armazena contingências (...) Foi simplesmente modificada de tal forma que os estímulos controlam agora tipos particulares de comportamento perceptivo...” (p.74)

Em relação à privação, Skinner (1974/1993) afirma que se pode levar uma pessoa a pensar ou até sonhar com um estímulo se o privarmos deste; mesmo que não haja uma redução real no estado de privação, o comportamento de ver encoberto ainda teria propriedades reforçadoras, isso dependeria do arranjo de contingências feito, pois ao estar privado de um estímulo, a probabilidade da pessoa se comportar em ver X, ou ver estímulos condicionais a este, é aumentada.

Além disso, para Skinner (1953/1989) o ver privado tem certas vantagens. Entre elas, estaria o fato de que esse comportamento não exigiria um comportamento precorrente que gerasse um estímulo externo e, também, porque o ver privado estaria isento de qualquer punição, o que poderia ocorrer se o mesmo comportamento fosse público. Há também o caso em que o comportamento privado pode produzir estímulos discriminativos, os quais podem ser úteis para o comportamento subsequente (público ou privado). Por exemplo, “há instâncias nas quais, particularmente nos sonhos, um escritor primeiro lê, um poema ou uma história, e então, a transcreve...” (Skinner 1953/1989, p.263)

comportamento de ver o objeto do qual que a freqüência de uma resposta que é diretamente proporcional ao grau de privação (1974/1993). Sobre isso, Skinner (1974/1993) afirma: “...conhecermos o nível de privação ou estímulos que podemos prever com maior precisão o que será determinado por aquele comportamento...” (p. 46). Por exemplo, se alguém estiver privado da pessoa que ama, ele poderá apresentar comportamentos como ir a lugares onde essa pessoa está, ver fotografias, falar com amigos sobre a pessoa, telefonar para a pessoa e, assim por diante, chegar a visualizar essa pessoa com os sentidos. Todos esses comportamentos podem ser considerados desejos que participam dos sonhos da pessoa.

Em relação à emoção, o que se sente corporais, as quais são indiferentes à comunidade verbal estabeleça continuidade, permitam falar sobre nossos eventos. Pode-se concluir que, quando dizemos *Hoje* ou *Estou me sentindo ansiosa*, estamos condicionados corporais que têm sido reforçados por verbalizações da comunidade verbal e pelo comportamento público.

Para Skinner (1953/1989), “podemos responder emocionalmente lembrando um evento ou simplesmente vendo-o ou ouvindo-o. De forma, se em sonhos pode-se ver, entender e sentir que, em sonhos, também se pode sentir coisas privadas. Por exemplo, durante o dia, eu posso ouvir um cachorro na rua e, à noite, quando estiver deitado e ouço um barulho, talvez o choro de uma amiga minha história, sei que a filha do vizinho está chorando. Não obstante, quando em sonho, este孙 me lembra o latido do cachorro e, assim, a probabilidade de que eu não só ouvisse o barulho, mas também que ele me atacou, mas também fez com que eu me sentisse assustado.”

foram tocados um contra o outro ao lado de Maury e, de acordo com o seu relato, ele sonhou com sinos repicando e isso o levou a uma cena a que havia presenciado anos antes, quando em um lugarejo onde estava havendo uma festividade religiosa.

Por outro lado, assim como o ver privado, as emoções também podem ser reforçadoras quando envolvem algum tipo de prazer, como já explicado anteriormente com relação aos efeitos do reforçamento. Logo, o comportamento perceptual encoberto relacionado com esse tipo de emoção no sonho pode se tornar mais provável de acontecer. Uma análise feita pela teoria freudiana sobre os sonhos é de que, realmente, se pode satisfazer desejos em sonhos. Sobre isso, pelo menos em parte, concordam Kantor e Skinner. Kantor (1975) afirma que “coisas desejadas ou ansiadas que são inacessíveis ou impossíveis na vida desperta são facilmente obtidas em sonhos...” (p.208), enquanto que, segundo Skinner (1953/1989), “Freud conseguiu demonstrar certas relações plausíveis entre sonhos e variáveis na vida do indivíduo. A presente análise essencialmente concorda com sua interpretação. Os indivíduos estão fortemente inclinados a empenharem-se em comportamentos que alcançam reforços...” (p.281)

### **Sobre a Dificuldade de se Aceitar a Análise Skinneriana**

Talvez o maior problema para a aceitação de uma análise dos sonhos fundamentada na análise de contingências, principalmente com relação ao papel de estímulos discriminativos, condicionados e reforçadores, como o modelo apresentado por Skinner acerca da percepção e do comportamento de ver, se refira ao fato de que a sua análise, em geral, foi feita com relação aos comportamentos (públicos e privados) que ocorrem no estado de vigília, enquanto os sonhos ocorrem quando se está dormindo.

Afirma-se, então, que mesmo em sonhos, quando o

sensorial (...) e gerando uma exemplo, o movimento do b pegando uma faca (...) Para Kl o mesmo tipo de atividade corti de desempenho (...) Felizm adormecido morrem a caminh

Sabe-se ainda que o sono R é a fase do sono em que os c maior rapidez, sugerindo que está totalmente inativo. Sob (1974/1993) descreve: “qu sonhando mais ativamente, m os lados, como se estivesse apresentação visual. (Os m também parecem mover-se envolvem percepção auditiva)

Cegos de nascença relatam o comportamento perceptual freqüência, uma vez que nunc de ver algum objeto. Até mes tornaram cegas, gradualmente de sonhar com estímulos visu Uma pesquisa acerca dos rela cegos congênitos, realizada p (1982), sugere que pessoas co embora realmente não relate visual, seus sonhos envolver espaciais, o que levou os pes aqueles indivíduos que possuía de visão poderiam ver em so do que eles podiam ver durante ou vultos por exemplo. Os narrativa e riqueza dos sonhos de sonhos visuais. Pode ser q seus sonhos sejam analisados da coisa ouvida.

Outra fonte sugerindo que mesmo em sonhos advém de Edward Wolpert (1959, citad

na esquerda e finalmente nas pernas. Acordado imediatamente depois<sup>10</sup>, o sujeito relatou que sonhou ter levantado um balde com sua mão direita, transferindo-a para a mão esquerda e então começado a andar” (p. 2)

### **O Modelo de Seleção pelas Conseqüências e os Sonhos**

A partir da explanação feita anteriormente, alguém poderia perguntar: então, nós aprendemos a sonhar? Bem, já que o sonho é considerado comportamento, a única conclusão plausível é que sim, nós aprendemos a sonhar. Ressalta-se, contudo, que ao falar sobre aprendizagem dos sonhos, refere-se, especificamente, ao seu conteúdo. O comportamento de sonhar é, presumivelmente, um comportamento selecionado com o processo evolucionário das espécies. Embora essa afirmação possa parecer difícil de se aceitar, pode-se citar algumas hipóteses que a sustentam, principalmente no que diz respeito ao modelo de seleção por consequências de Skinner.

#### **Filogenese**

A despeito de que as condições ambientais que permitiram com que o comportamento de sonhar fosse adquirido, provavelmente, tenham sido diferentes das atuais, pode-se supor que, se esse comportamento ainda se mantém, é porque deve ter alguma função para a sobrevivência de nossa espécie, pois é exatamente a filogenese que permite que o organismo interaja de forma eficiente com o meio.

Para Andery (1997):

“Dizer, portanto, que a evolução seleciona características dos indivíduos de uma espécie significa dizer que ela atua também sobre padrões de comportamento e modos de operação destes padrões (...) que, uma vez selecionados, dotam os membros de uma espécie de repertórios comportamentais que lhes permitem comportar-se no mundo...” (p. 201-202)

A maior parte da pesquisa com relação à necessidade dos sonhos tem sido realizada no âmbito das

fundamentará basicamente nos achados sobre o sono REM.

Como tem sido verificado que durante a atividade muscular é praticamente Cartwright (1999) sugerem que o sono devido à necessidade de que os homens caçadores, ficasse imóveis durante assim o ataque de predadores. Segundo esta evolução, os homens tornaram-se mais vulneráveis tendem a dormir menos (Allan, 1976, citados por Cardoso, 1997) extremamente leve, com pouca evidência (Jouvet, 1967).

Pode ser também que os sonhos de algum tipo de necessidade bioquímica de forma periódica, haja vista que, durante a vigília em constante atividade, enquanto que nessa tal atividade cerebral é muito escassa durante o sono REM o cérebro apresenta indicam uma atividade muito parecida como um aumento do fluxo sanguíneo, consumo de oxigênio e intensa liberação de neurotransmissores. Outra indicação de que o sono REM tem advindo de pesquisas de privação de sono REM, onde se verificam longos períodos de privação de sono tendem a apresentar uma quantidade menor de sono REM do que o normal. Kelly (1997) chamou a esse processo de Compensatório Ativo para a Recuperação Perdida, como também tem sido chamado de reflexo (*rebound*) (Webb & Cartwright, 1977). Esta recuperação pode durar dependendo de quão privados de sono os sujeitos tenham ficado.

Adicionalmente às pesquisas sobre privação de sono REM, é importante mencionar

susceptibilidade ao reforçamento e, assim, ampliar o seu repertório para além das respostas filogeneticamente preparadas (Andery, 1997). Este tipo de comportamento, no qual membros individuais comportam-se de acordo com as consequências importantes para si durante a sua vida, é estudado de acordo com o segundo nível de seleção por consequências.

Já foi dito que se uma resposta é reforçada na presença de um estímulo, este pode adquirir controle sobre o comportamento. Assim, as discriminações que os indivíduos fazem acerca das circunstâncias em que ocorrem certas consequências a seu comportamento, possibilita-os agir diferencialmente no mundo. Estas atuações, reforçadas diferencialmente durante a vida de uma pessoa, são produtos da ontogênese, permitindo uma interação mais efetiva com o ambiente atual (Skinner, 1953/1989).

Tomando-se esse raciocínio, pode-se afirmar que as pessoas só sonham com aquilo que lhes é conhecido, ou melhor, só sonham com aquelas partes do mundo às quais reagem discriminativamente. Logo, aprende-se a sonhar no sentido de que só vemos o que vemos de acordo com as contingências de reforçamento que fazem parte da nossa história ontogenética. Por exemplo, sabe-se que os esquimós podem diferenciar entre dezenas de tipo de neve e, embora possamos sonhar com a neve, dificilmente poderíamos identificar com que tipo de neve estamos sonhando, pois não tivemos um treino discriminativo com relação a esse estímulo ou, melhor, às suas propriedades. Da mesma forma, uma pessoa que nunca esteve em uma praia antes, dificilmente seria capaz de ouvir o barulho das ondas ou sentir a brisa do mar em sonhos.

Nos casos, por exemplo, em que os sonhos podem servir como estímulos discriminativos para o comportamento subsequente, como descrito anteriormente em que um escritor primeiro lê um poema em sonhos para depois escrevê-lo, um exemplo

dificilmente pensaria “*ab, então benzina!*”. Pimentel-Souza e co. esse aspecto dos sonhos, afirmam um evento que não ocorrem com a realidade do sonhador, vivenciadas durante o sonhar, o comportamento, que, por sua vez, o sonhar.” (p.1)

Cultura

Antes de falarmos sobre em nossos sonhos, faz-se necessário nível de variação e seleção: cultural atua através do condicionamento obstante, o condicionamento às contingências que controlam indivíduo em particular, mas atuam sobre um grupo de pessoas pelas práticas culturais. Ou seja, e seleção por consequências processo comportamental; condicionamento operante, p. específicas, ou seja, as sociais

De acordo com Skinner (1974), as práticas culturais começam com um indivíduo que tenta de solucionar um problema ou situação que é importante para as quais se provaram importantes para o grupo. As consequências da solução desse problema são então, sobre o grupo e não só sobre o indivíduo em particular. Assim, tais práticas são transmitidas para as gerações seguintes fazendo com que a prática cultural e a própria cultura sejam reforçadas socialmente entre os membros do grupo.

Existem na literatura alguns estudos que abordam como o conteúdo dos sonhos é um produto social. Entre os índios Guaranis, por exemplo, os sonhos eram considerados uma fonte de

e, de alguma forma, também devido à contiguidade entre tais mensagens e os eventos subsequentes contidos nos sonhos. Por outro lado, não deveria ser raro que os próprios membros, na presença de algum problema, tentassem resolvê-lo e, assim pudessem ver encobertamente, nos sonhos, a solução para o problema. Embora, para tais índios, esse sonho fosse interpretado enquanto mensagens espirituais, pode-se sugerir que fizeram parte do processo de resolução de problemas, talvez, enquanto respostas precorrentes, as quais serviram como estímulo discriminativo para o comportamento público subsequente (Skinner, 1969/1980). Também, nesse contexto, deveria ser levado em consideração a longa história de resolução de problemas que esse grupo poderia ter; logo, a experiência obtida com situações anteriores também poderiam facilitar a resolução de problemas parecidos em outros contextos (Baum, 1999).

Segundo Pimentel-Souza e colaboradores (2000), na Malásia, os senoi têm uma cultura muito voltada para os sonhos. É prática nesse grupo fazer com que seus membros possam controlar seus sonhos a fim de desenvolver um equilíbrio emocional. Para os senoi, existem, pelo menos, três regras básicas para os sonhos: (a) deve-se enfrentar o perigo e vencer o medo; (b) deve-se permitir atingir o prazer total, seja com quem for o sonho; e (c) deve-se sempre alcançar um resultado positivo nos sonhos, mesmo que isso envolva um esforço para reverter uma situação aversiva. Outra prática entre os senoi é a relação que fazem entre os sonhos e a vida real: se a pessoa sonha consigo mesma agindo agressivamente com outros, então ela deveria avaliar seu modo de interação com os demais e, se for o caso, modificar seu comportamento; se sonha com outra pessoa lhe agredindo, então deveria conversar com o agressor para que não haja desentendimentos no grupo e assim por diante. A maneira com que os senoi lidam com os sonhos têm sido avaliada como produzindo maturidade emocional e social ao grupo. Pode-se inferir

Nossa cultura não tem o que se chama de sonhos (Souza e col., 2000) de um “sonho pacífico”, no entanto, a prática de um grupo social pode mandá-lo participar no controle do conteúdo. Por exemplo, uma pessoa que foi submetida a educação religiosa, mas não tem compromissos com a igreja pode sonhar com mandá-la ir à igreja. Ao relatar o sonho, por exemplo, esta pode encaminhá-la para a igreja. Fazendo isso, o sonhador pode ter seu sonho reforçado pela mãe e a própria pessoa sentir-se “aliviada” por tê-lo feito. Isto dificilmente ocorreria com alguém que não acreditasse em Deus, ou que não tivesse sido exposto a contingências com relação à religião.

### **Considerações Finais**

A partir das análises aqui descritas, pode-se afirmar que a interpretação de um sonho é uma tarefa impossível sem o conhecimento da história da pessoa e, mais especificamente, se não existem contingências de reforço com as quais elas se relacionam.

Disso, segue-se que os famosos dicionários de sonhos não podem responder pela singularidade dos sonhos, pois um símbolo significaria a mesma coisa para todos os sonhos, a despeito do sonhador. A interpretação de sonhos baseada em símbolos é popular, porém, acredita-se que esses símbolos não são em consideração, nem as diferenças individuais, nem as diferenças culturais entre as pessoas. Diversas teorias baseadas em símbolos, como a de Freud (Lindzey e cols., 1977), acredita-se que os sonhos têm um significado, mas sim que o significado é de interpretações que diferem de acordo com a abordagem teórica ou filosófica do sonho. Enquanto um psicanalista vai interpretar o sonho, por exemplo, constituído de naturezas e sentimentos, um filósofo

Não obstante, como a comunidade verbal não tem um acesso direto aos eventos privados, nem sempre se pode ter certeza da precisão das descrições sobre esses eventos. Outra questão é “se as palavras usadas para descrever o comportamento encoberto são as palavras adquiridas por ocasião do comportamento público” (Skinner, 1974/1993, p. 28), pode-se dizer também que as razões que a comunidade fornece para nossos comportamentos públicos também tendem a ser as mesmas razões que damos ao nosso comportamento encoberto. Em geral, como nossa comunidade é internalista, as razões que fornecemos para nosso comportamento são descrições de sentimentos, como por exemplo, a resposta à pergunta “*por que você está chorando?*” pode ser simplesmente “*porque estou deprimida*” e, para a maior parte das pessoas essa resposta basta, como diz Skinner (1974/1993) “as explicações do comportamento variam de acordo com os tipos de respostas aceitas pela comunidade verbal” (p. 30). Se a pergunta “*por que você está chorando?*” fosse formulada por um behaviorista radical, a resposta “depressão” como causa não seria aceita; provavelmente ele perguntaria algo como “*mas o que aconteceu; qual foi o problema?*” e assim por diante até que a resposta fosse remetida às condições ambientais externas ao organismo.

Nesse sentido, embora o próprio indivíduo seja a pessoa, digamos, mais capaz de conhecer sua história e, assim, analisar as condições que os levaram a se comportar de determinada maneira, pela análise aqui exposta, considera-se que um analista do comportamento esteja melhor preparado para interpretar o relato dos comportamentos (públicos ou privados e, neste caso, os sonhos), uma vez que poderá determinar qual o contexto em que o comportamento aconteceu através da análise das relações funcionais observadas a partir das descrições da pessoa e pelo conhecimento prévio da história de reforçamento da mesma. É nesse contexto que os sonhos podem se relacionar com o auto-conhecimento, ou seja, com o conhecimento da história de vida.

as contingências que controlam o comportamento para que o indivíduo possa gerenciar seu ambiente de vida e possa interagir de forma mais eficiente no ambiente físico e social.

Ao final de toda esta análise, podemos resumir a posição behaviorista:

- Para Skinner (1974/1993), os sonhos são comportamentos encobertos (desconsciente), sendo estudados, então,

- Dizer que os sonhos são “explicações” é dizer que os mesmos são produzidos pelo condicionamento respondente. Os sonhos desenvolveram a partir de treinamento, seleção e variação que respondem ao ambiente: filogenese, condicionamento respondente, etc.

- Para entender os sonhos, é necessário compreender as teorias skinnerianas sobre o comportamento, especificamente, o ver;

- O comportamento de ver é o resultado da aprendizagem de controle de estímulos. As histórias de vida do respondente e operante respondente são exemplos de ver tanto na presença quanto na ausência de estímulos.

- Pode-se dizer que aquela história de vida é o resultado do produto de estímulos condicionantes e reforçadores que estão presentes na vida da pessoa. Além disso, Skinner acha que a história de vida valoriza, sobremaneira, o papel do ambiente no comportamento de sonhar.

- A natureza dos sonhos é determinada pelo conteúdo da história de vida. A natureza dos sonhos é defendida com base na filogenética, ontogenética e cultura.

- A interpretação dos sonhos é feita a partir da análise entre as circunstâncias em que o comportamento ocorreu e as circunstâncias em que o comportamento ocorreu. Praticamente, a interpretação dos sonhos é feita a partir do conhecimento da história de vida da pessoa, especificamente, se não se consegue explicar o comportamento de sonhar com as quais ela está envolvida.

exemplo, uma pesquisa inter-cultural, ou entre diferentes práticas culturais a fim de avaliar se existem diferenças no conteúdo dos sonhos dos participantes e se este conteúdo está relacionado com a história de vida dos mesmos, levando-se em consideração o contexto cultural em que essas pessoas estão inseridas.

Poder-se-ia também verificar populações que tenham passado por mudanças significativas na vida, como separação, nascimento de filhos, ou mesmo, experienciado situações traumáticas. Conhecendo o conteúdo dos sonhos dessas pessoas no momento atual, poder-se-ia verificar diferenças no seu conteúdo antes e após tais experiências. Um outro modo de se verificar a plausibilidade da análise comportamental dos sonhos fundamentada na história de vida dos indivíduos e comprovar ou não se estes sonhos estão relacionados a estímulos discriminativos, condicionados ou reforçadores poderia ser a realização de pesquisas longitudinais, o que permitiria verificar o desenvolvimento do conteúdo dos sonhos e sua relação com os eventos da história de vida da pessoa. É provável, no entanto, que um estudo longitudinal sobre os sonhos possa interferir no modo como os participantes lidam com os sonhos, haja vista que deveriam relatá-los constantemente. Nesse sentido, talvez, a análise dos sonhos realizada pelos pesquisadores não deva ser descrita, pelo menos inicialmente, aos participantes a fim de garantir um mínimo de controle sobre as variáveis que podem influenciar no relato dos sonhos.

De qualquer maneira, o que se quer enfatizar é que, de acordo com a Análise do Comportamento, toda teoria deveria ser acompanhada por uma base empírica que lhe fundamentasse. Essa é uma vantagem da Ciência do Comportamento e deveria ser o objetivo de todos aqueles que se fundamentam na filosofia da ciência de Skinner, haja vista que os propósitos de uma ciência do comportamento são a predição e o controle do comportamento, os quais são atingidos através das observações e generalizações que permitem a aplicação de princípios genéricos.

os sonhos não devem ser encarados como um fenômeno isolado, e, muito menos, um substrato mental que pode ser analisado como produto das histórias de vida, de seleção que ocorrem nos níveis ontogenéticos e culturais.

## Referências

- Alencar, E. (1995). *Psicologia: Introdução aos princípios básicos* (10ª Edição). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Andery, M. (1997). O modelo de seleção por consanguinidade. Em R. Banaco (Org.), *Sobre comportamento animal*. São Paulo: ARBytes.
- Baum, W. (1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, cognição e cultura*. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari & E. S. Cardoso. Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1995)
- Cardoso, S. (1997) *Sonhos*. Retirado em 02.06.1998 de <http://www.silvocardoso.com.br/cm/n02/mente/sonhos1.htm>.
- Crowther, J. (Org.). (1998). *Oxford advanced learner's dictionary of current English*. Oxford: University Press.
- Encyclopédia Mirador Internacional.(1992). Sonhos. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopédia Mirador.
- Foulkes, H. & Cartwright, R. (1999). Sleep. Em *Encyclopédia Mirador*. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopédia Mirador.
- Ferreira, A. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Frenteira.
- Garcia-Roza, L. (1993). *Freud e o inconsciente* (8ª Ed.). Zahar. (Original publicado em 1988)
- Hartmann, E. (1996). Outline for a theory on the nature of dream imagery. Em *Dreaming*, 6(2). Retirado em 20.01.1998 de <http://www.asdrem.org/journal/articles/hartmann.htm>.
- Hayes, L. (1992). Thinking. Em S. Hayes & L. Hayes (Orgs.), *Behavioral activation and verbal relations* (pp.149-164). Reno: Context Press.
- Hess, N. (1993). Alguns problemas técnicos no tratamento da depressão. In A. Rangel, Trad., *Psicoterapia e Intereração*, 1, 71-82. São Paulo: Roca.
- Jouvet, M. (1967). The states of sleep. Em *Scientific American*, 216(4), 102-115. Retirado em 20.04.1998 no World Wide Web: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0031164405002671>.
- Kantor, J. (1922). Memory: A triphase objective active process. Em *Psychological Bulletin*, 19, 624-639.
- Kantor, J. (1975). Implicit Interbehavior. Em J. Kantor (Org.), *The science of psychology: An interbehavioral survey* (pp. 1-10). Principia Press.
- Kantor, J. (1987). What qualifies interbehavioral psychology? Em D. Palmer & D. Palmer (Eds.), *Interbehavioral psychology: A critical assessment* (pp. 1-10). Principia Press.

- Pimentel-Souza, F., Ballalai, A., Motta, C., Souza, E., da Silva, J., Lima, L., Guatimusin, P. & Bastos, R. (2000). Sono, destacando o sonho, o ritmo biológico e a insônia. *Revista de Psicofisiologia*, 2(1). Retirado em 17.03.2000 no World Wide Web: [icb.ufmg.br/lpf/revista/monografia9/Monografia-sobre-o-sono.html](http://icb.ufmg.br/lpf/revista/monografia9/Monografia-sobre-o-sono.html).
- Punamäki, R. (1999). The relationship of dream content and changes in daytime mood in traumatized vs. non-traumatized children. Em *Dreaming*, 9(4). Retirado em 15.01.2000 no World Wide Web: [asdreams.org/journal/articles/punamamaki9-4.htm](http://asdreams.org/journal/articles/punamamaki9-4.htm)
- Rycroft, C. (1975). *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Santos, T. (1957). *Psicologia dos sonhos: Gênese, natureza e função dos processos oníricos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Schulze, B. (1997). *Dreams and dreaming*. Retirado em 04.05.1999 no World Wide Web: <http://library.advanced.org/11189/gather/infintro.htm>.
- Skinner, B. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-272/291-294.
- Skinner, B. (1972). *Tecnologia de ensino* (R. Azzi, Trad.) (4<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Herder/EPU. (Original publicado em 1968)
- Skinner, B. (1978). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1957)
- Skinner, B. (1980). Contingências do reforço (R. M. Moreno, Trad.). Em *Coleção Os Pensadores*, Pavlov/Skinner. São Paulo: Abril. (Original publicado em 1969)
- Skinner, B. (1984). Selection by consequences. *Behavioral and Brain Sciences*, 7, 477-481. (Original publicado em 1981)
- Skinner, B. (1987). What is wrong with daily life in the western world? Em B. Skinner (Org.), *Upon further reflection* (pp. 51-31). Englewood Cliffs: Prentice Hall. (Original publicado em 1986)
- Skinner, B. (1989). *Ciência e comportamento* (Trads.). (7<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Martin D'Agostini, 1953
- Skinner, B. (1990). Can psychology be a science? *American Psychologist*, 45(11), 1206-1210.
- Skinner, B. (1991). *Questões recentes na análise operante do comportamento*. (Original publicado em 1989)
- Skinner, B. (1993). *Sobre o behaviorismo* (Original publicado em 1957). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1957)
- Straton, P. & Hayes, N. (1994). *Dicionário de Behaviorismo*. São Paulo: Pioneira. (Original publicado em 1994)
- Tourinho, E. (1997a). O conceito de cognição e o behaviorismo. In R. F. Skinner (Org.), *Behaviorismo e cognição* (pp. 267-271). São Paulo: Alfa
- Tourinho, E. (1997b, Setembro). *Conceitos de behaviorismo e cognição*. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. Rio de Janeiro, RJ.
- Webb, W. & Cartwright, R. (1999). *Dreams and their meaning*. [Artigo online]. Retirado em 03.01.2000 no [www.dreams.com/eb/articles](http://www.dreams.com/eb/articles)

#### Sobre a autora:

**Francynete Melo e Silva** é Psicóloga, com Formação em Psicólogo, Licenciatura Plena e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é Mestranda do Curso de Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento do Laboratório de Psicologia Experimental, pela UFPA e Bolsista da CAPES (MCT).

# NEPF

**Núcleo de Estudos em Psicologia Fenomenológica**

**Pelo avanço e difusão de instrumental metodológico da linhagem fenomenológica na pesquisa em psicologia.**

**Prof. William B. Gomes  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia  
Instituto de Psicologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Rua Ramiro Barcelos 2600  
90035.003 Porto Alegre -RS  
Fax.: 0xx 51 330 4797  
E-mail: [gomesw@vortex.ufrgs.br](mailto:gomesw@vortex.ufrgs.br)**